

**As lutas operárias como “pedra de toque” do campo da saúde do/a trabalhador/a: as recentes contribuições de Torres-Tovar**

**Workers' struggles as the “touchstone” of the field of workers' health: the recent contributions of Torres-Tovar**

**Las luchas obreras como “piedra de toque” del campo de la salud del/a trabajador/a: las recientes contribuciones de Torres-Tovar**

**Resumo**

Mauricio Torres Tovar é um autor com contribuições importantes para a saúde do/a trabalhador/a. Com longa história na medicina social latino-americana, tem contribuído para pensar a saúde como processo social, articulando-a às lutas sociais diversas. Esse texto se aproxima do pensamento deste autor, com o objetivo de revisar suas recentes contribuições sobre o caráter peremptório das lutas operárias para o campo da saúde do/a trabalhador/a. Metodologicamente, faz-se uma análise exegética do livro *Luchas obreras por la salud en el trabajo en Colombia*, com ênfase para a forma como se colocam os processos de luta em face da saúde no trabalho. Constata-se que Torres-Tovar resgata as origens do campo da saúde do/a trabalhador/a, pois o concebe como algo indissociável das lutas operárias. Avança para uma dinâmica contemporânea, revelando os potenciais e os limites das lutas das associações de trabalhadores e ex-trabalhadores adoecidos pelo trabalho na Colômbia. Mostra-se um autor de pensamento vívido e capaz de perpetuar a crítica ao modelo biomédico, à saúde ocupacional e ao modo de produção capitalista.

**Palavras-chave:** Lutas Operárias, Processo Saúde-Doença, Saúde do Trabalhador, Trabalho.

**Abstract**

Mauricio Torres Tovar is an author with important contributions to workers' health. With a long history in Latin American social medicine, he has contributed to thinking about health as a social process, linking it to diverse social struggles. This text approaches the thinking of this author, with the aim of reviewing his recent contributions on the peremptory character of workers' struggles for the field of workers' health. Methodologically, an exegetical analysis is made of the book *Luchas obreras por la salud en el trabajo en Colombia*, with emphasis on the way in which the processes of struggle are placed in the face of health at work. It is found that Torres-Tovar rescues the origins of the field of workers' health, since he conceives it as something inseparable from workers' struggles. He moves on to a contemporary dynamic, revealing the potentials and limits of the struggles of associations of workers and former workers made ill by work in Colombia. He shows himself to be an author of vivid thought and capable of perpetuating the critique of the biomedical model, occupational health and the capitalist mode of production.

**Keywords:** Workers' Struggles, Health-Disease Process, Workers' Health, Work.

## Resumen

Mauricio Torres Tovar es un autor con importantes contribuciones a la salud de los trabajadores. Con una larga trayectoria en la medicina social latinoamericana, ha contribuido a pensar la salud como proceso social, articulándola a diversas luchas sociales. Este texto se aproxima al pensamiento de este autor, con el objetivo de revisar sus recientes aportes sobre el carácter perentorio de las luchas obreras para el campo de la salud de los trabajadores. Metodológicamente, se hace un análisis exegético del libro *Luchas obreras por la salud en el trabajo en Colombia*, con énfasis en la forma como se sitúan los procesos de lucha frente a la salud en el trabajo. Torres-Tovar rescata los orígenes del campo de la salud de los trabajadores, pues lo considera inseparable de las luchas obreras. Pasa a una dinámica contemporánea, revelando el potencial y los límites de las luchas de las asociaciones de trabajadores y ex trabajadores enfermos por el trabajo en Colombia. Se muestra como un autor de mente viva y capaz de perpetuar la crítica al modelo biomédico, a la salud ocupacional y al modo de producción capitalista.

**Palabras clave:** Trabajo, Condiciones de Trabajo, Jornada Laboral, Capitalismo, Economía.

## Introdução

Este *paper* compõe um projeto maior, no qual se analisa a obra de pensadores do campo da saúde do/a trabalhador/a, vinculados à medicina social latino-americana/saúde coletiva. A etapa atual da pesquisa propõe a revisão das obras do equatoriano Oscar Betancourt, do brasileiro Francisco Antonio de Castro Lacaz e do colombiano Mauricio Torres-Tovar.

No recorte aqui apresentado, o objetivo consiste em revisar as recentes contribuições de Torres-Tovar sobre o caráter peremptório das lutas operárias para o campo da saúde do/a trabalhador/a. Mais especificamente, realizamos uma análise do livro *Luchas obreras por la salud en el trabajo en Colombia*<sup>1</sup>, publicado em 2022, como versão da tese de doutorado em saúde pública, defendida em 2020 na *Universidad Nacional de Colombia*.

O recente livro de Torres-Tovar<sup>1</sup> compõe uma trajetória intelectual e militante a serviço da classe trabalhadora, em defesa da saúde e contra o sistema do capital. Tomamos emprestadas as palavras de Mauricio Archila Neira<sup>2</sup> no prólogo do livro em questão, quando afirma que: “*Mauricio Torres Tovar es un académico extraño, tanto, que, si no estuviera tan desgastado el término, no dudaríamos en llamarlo 'intelectual orgánico', en el mejor sentido gramsciano*”.

Torres-Tovar é referência para a saúde do/a trabalhador/a latino-americana, tendo atuação política e publicações progressas que contribuem para o caráter crítico do campo, em sua posição contra-hegemônica. Médico de formação (*Universidad Nacional de Colombia*), especialista em saúde ocupacional (*Universidad de Antioquia*), mestre e doutor em Saúde Pública (mestrado pelo *Institute Tropical Medicine da Bélgica*), foi coordenador geral da *Asociación Latinoamericana de Medicina Social* (Alames) entre 2004 e 2007, seguindo nela como membro da *Red de Salud y Trabajo*. Atualmente também é membro do Conselho Consultivo do *Movimiento de Salud de los Pueblos* e do *Grupo de Trabajo Estudios Sociales para la Salud del Conesejo Latinoamericano de Ciencias Sociales* (Clacso).

A produção teórica de Torres-Tovar, além da relação trabalho-saúde, abrange o debate sobre o direito à saúde. Nessa área, há produções relevantes como *El impacto de los acuerdos de libre comercio sobre el derecho a la salud*<sup>3</sup> e *Lucha social contra la privatización de la salud*<sup>4</sup>. Trata-se de produção acadêmica consubstanciada no bojo da perspectiva de práxis, pois se conecta à transformação social, com ênfase para as transformações no mundo do trabalho, mas reconhecendo que desde esse âmbito pode-se mirar em transformações mais abrangentes, a exemplo dos sistemas de saúde.

Outro aspecto pertinente a ser destacado, nas contribuições de Torres-Tovar, consiste no fato de, por um lado, o autor manter o referencial crítico (a exemplo das influências marxista) que originam esse campo científico-político-institucional e, por outro lado, demonstrar a preocupação de enfrentar outras questões que não estiveram na pauta do movimento operário, mas despontam com eminência na contemporaneidade.

Vale lembrar que as origens do campo se situam no movimento operário italiano, justamente com uma orgânica articulação entre classe trabalhadora e técnicos de saúde, no sentido de construir um novo modelo de ação/investigação em face da relação trabalho-saúde. Desde Berlinguer<sup>5</sup>, Maccacaro<sup>6</sup> e Oddone et al.<sup>7</sup>, está posta uma problematização teórico-prática sobre como a saúde dos/as trabalhadores/as é determinada pelo modo de produção, assim como a necessidade de considerar a experiência e saber operários para construir um modelo de atenção<sup>5</sup>.

No mesmo sentido, as contribuições latino-americanas avançaram na esteira do movimento operário italiano, dando mais alguns passos para a consolidação da perspectiva crítica. Podemos citar investigações semelhantes à dos italianos, como a de Asa Cristina Laurell, com apoio de Mariano Noriega na parte que analisa os dados empíricos<sup>8</sup>. Nessa ocasião, são formuladas as categorias cargas de trabalho e desgaste operário, revestidas de concretude em face da investigação/ação do caso da SICARTSA, em Lázaro Cardenas, México<sup>8</sup>. Ou ainda, as formulações que foram avançando no âmbito mais geral, da medicina social latino-americana/saúde coletiva, sobretudo com a premissa da determinação social do processo saúde-doença, algo apenas possível pela crítica ao caráter positivista da saúde pública tradicional<sup>9-10</sup>.

São referências revitalizadas por Torres-Tovar<sup>1</sup> e que contribuem para uma interessante análise dos casos das lutas de operários/as que adoeceram pelo trabalho (aposentados/as ou ativos/as), organizados/as em associações que permitem o desenvolvimento de ações coletivas. Nesse ponto, o autor<sup>1</sup> estabelece um diálogo com perspectivas que orientam os movimentos sociais contemporâneos. Mostraremos, a seguir, os pilares da análise de Torres-Tovar<sup>1</sup>, as principais considerações que ele tece sobre as lutas analisadas em sua tese e encerraremos com a demonstração de algumas convergências ante as origens do campo da saúde do/a trabalhador/a.

### **Os fundamentos da análise**

Na obra analisada<sup>1</sup>, há um capítulo dedicado a esclarecer os pressupostos teóricos que fundamentam a análise. Entre as vertentes teóricas que inspiram o autor, parece-nos que há dois pontos nevrálgicos: a tradição teórica da saúde do/a trabalhador/a e a teoria da ação coletiva, soerguida da análise e atuação dos movimentos sociais atuais.

Em relação ao campo da saúde do/a trabalhador/a, Torres-Tovar<sup>1</sup> destaca o seu nascimento em meio a confluência entre as ciências da saúde e as ciências sociais, no sentido de questionar o modelo hegemônico centrado nas doenças e nos riscos ocupacionais. Torres-Tovar<sup>1</sup> recorre a autores desse campo, como Laurell<sup>11</sup>, Lacaz<sup>12</sup> e Vasconcellos<sup>13</sup>, para demonstrar que os velhos modelos da medicina do trabalho e da saúde ocupacional estão a serviço da acumulação de

capital, uma vez que focam ou no controle do corpo do/a trabalhador/a ou na mitigação de riscos do ambiente de trabalho.

Com efeito, demonstra-se que os velhos modelos não estão preocupados em alterar o processo de trabalho substancialmente, o que significa reproduzir a exploração da classe trabalhadora pela classe capitalista. No que diz respeito as ações de saúde no trabalho, entre outras coisas, essa perspectiva repõe o caráter mercantil do trabalho, da saúde e, portanto, da própria força de trabalho. Para tanto, as ações de saúde que são ofertadas aos/às trabalhadores/as estão pautadas no horizonte da reprodução da força de trabalho enquanto mercadoria para que dela se possa extrair tempo de trabalho excedente – a base para a valorização do valor e, portanto, acumulação de capital<sup>14</sup>.

Com isso, Torres-Tovar recupera as raízes marxista do campo da saúde do/a trabalhador/a (no contexto da medicina social latino-americana/saúde coletiva), recorrendo ao próprio Marx e aos autores do campo que buscaram nessa teoria a fonte para questionar os modelos hegemônicos e a posição passiva (e objetificante) imputada aos trabalhadores.

A construção de um novo campo científico-político-institucional, então, perpassou a ruptura epistemológica (face aos conceitos dos velhos modelos) e política, na busca por alçar a classe trabalhadora ao papel de sujeito do campo. Na verdade, as duas faces dessa ruptura se imbricam, pois na linha de pensamento marxista, com a noção de práxis, elas são indissociáveis. Exemplo disso é o próprio conceito de desgaste operário resgatado por Torres-Tovar<sup>1</sup> a partir de Laurell e Noriega<sup>8</sup>. Esse conceito parte da crítica às teorias centradas apenas nos danos à saúde e acidentes, avançando à determinação social da saúde, em sua interface mais direta com o processo de trabalho. Por conseguinte, a noção de desgaste aborda a questão como uma totalidade concreta (e não, meramente, uma invenção teórica), nela inserida a deterioração acelerada, física e mental, dos/as trabalhadores/as, nem sempre expressa em um dano bem delimitado na lógica biomédica<sup>8</sup>.

A apreensão desse conceito apenas se tornou possível a partir de uma investigação/ação que partisse da experiência/saber dos/as próprios/as trabalhadores/as, considerando a relação dialética entre modo de produção, saúde-doença e lutas por saúde no trabalho. Laurell e Noriega<sup>8</sup>, a partir da análise do caso da SICARTSA, puderam demonstrar como o desgaste operário

segue um curso imbricado aos avanços e recuos da luta dos trabalhadores, que reflete certo grau de organização, fragmentação ou consistência para fazer frente a uma forma de organização do trabalho que é, inerentemente, degradante, mas que não é imune a luta de classes.

Ainda que com diferenças, a perspectiva inaugurada pelos latino-americanos dialoga com as (inspira-se nas) lutas/investigações/ações do movimento operário italiano, a exemplo da perspectiva de ambiente de trabalho adotada pelo movimento<sup>7</sup> ou a defesa do lema “saúde não se vende, nem se delega, se defende”<sup>5</sup>, consubstanciadas na articulação política entre trabalhadores/as e intelectuais do novo campo em construção. Isso leva Torres-Tovar<sup>1</sup> a reconhecer que, do ponto de vista metodológico, o cerne do campo da saúde do/a trabalhador/a está no movimento operário italiano e a defesa intransigente do papel ativo dos/as trabalhadores/as.

Disso decorre a busca do autor pela valorização das ações organizadas pela classe trabalhadora e outros grupos inseridos nas lutas contemporâneas, recorrendo à Teoria da ação coletiva<sup>15</sup>. É preciso destacar que essa teoria dialoga em certos pontos com o marxismo (a exemplo do reconhecimento de que a classe trabalhadora e outros grupos são explorados e dominados), mas, para alguns marxistas<sup>16</sup>, a teoria da ação coletiva, por vezes, distancia-se ou substitui a luta de classes por estratégias que não são, necessariamente, anticapitalistas.

Não é nosso objetivo problematizar as convergências e divergências aqui neste *paper*, mas apenas apontar o legítimo esforço de Torres-Tovar<sup>1</sup> em articular aquilo que tem servido de base na análise/ação dos movimentos sociais contemporâneos com a tradição da luta operária por saúde no trabalho. O esforço de aproximar a ação coletiva com a luta de classes fica evidente, na medida em que o objeto de análise diz respeito às lutas operárias, em muitos momentos, enfatizando o embate direto contra os capitalistas (ações contenciosas), mas sem deixar de apreender a relevância de ações não contenciosas, ampliando os horizontes estratégicos.

### **As lutas operárias e a dialética do processo saúde-doença**

A obra analisada neste *paper* se debruça sobre uma forma particular de organização e luta dos trabalhadores por saúde no trabalho. Trata-se da organização de trabalhadores ou ex-trabalhadores adoecidos por conta do trabalho, reunidos em associações. Segundo Torres-Tovar<sup>1</sup>, essas associações começam a aparecer, na Colômbia, no ano de 2006, vinculadas a diversos setores, a exemplo do energético, agrícola, da construção, hoteleiro, da mineração, da saúde entre outros. De acordo com a apuração do autor<sup>1</sup>, até 2019, a Colômbia contava com 19 associações de trabalhadores adoecidos.

Entre essas associações, Torres-Tovar<sup>1</sup> analisa três casos, a partir da realização de grupos focais, entrevistas individuais e análise documental. As associações analisadas foram: *Asociación de Trabajadores y Extrabajadores Enfermos de GM Colmotores (Asotrecol)* (criada em 2011), *Fundación Mano Muertas* (criada em 2009) y *Asociación de Trabajadores, Extrabajadores y Pensionados de la Empresa Colombit (AsoColombit)* (criada em 2006).

A seguir, apresentamos o Quadro 1, contendo uma síntese dos elementos-chave dos três casos analisados.

**Quadro 1.** Principais características e elementos analíticos das Associações estudadas por Torres-Tovar<sup>1</sup>.

	<b>Setor ou atividade</b>	<b>Pauta de Luta</b>	<b>Fatos relevantes</b>	<b>Conquistas</b>
<b>Asotrecol</b>	Automotivo	Defesa dos direitos dos trabalhadores ou ex-trabalhadores, com ações judiciais e não judiciais, incluindo denúncias nas redes sociais.	Antes do surgimento da associação, houve uma greve na empresa GM Colmotores, encerrada após acordo de aumento salarial.	Visitas/inspeções trabalhistas e sanitárias; e reabilitação e realocação dos trabalhadores adoecidos, com proibição de demissão. Apesar das conquistas, há um certo

			<p>Sucedeu-se um período de política antisindical pela empresa, resultando na queda no número de sindicalizados. Nos anos 2000, a empresa passa pelo processo de reestruturação produtiva.</p>	<p>desgaste e esvaziamento da Asotrecol. Outras associações surgiram na mesma empresa.</p>
<b>FMM</b>	Processamento de atum e camarão	Defesa dos direitos de saúde e trabalhista, com ênfase para a estabilidade no emprego.	<p>Tomada da empresa em 2015 pelos trabalhadores como reação ao fechamento da planta da <i>Seatech International</i>. A empresa reage com repressão e indução para a formação de um sindicato paralelo.</p>	<p>Visibilidade da problemática da saúde (lesões por esforço repetitivos e outros problemas osteomusculares), algumas mudanças no processo de trabalho, porém ainda com pouca efetividade no ressarcimento dos trabalhadores adoecidos.</p>

<b>AsoColombit</b>	Construção	Reconhecimento dos danos provocados pela exposição ao amianto, reivindicação de pensão e compensação por esses danos.	Lutas prévias ao surgimento da associação, mas com derrotas na justiça devido à narrativa criada pela empresa, alegando falta de provas científicas na relação entre o câncer, o amianto e o crisólito.	Articulação nacional com trabalhadores de outras empresas, reconhecimento da origem laboral de algumas doenças (asbestose, placas pleurais, hipoacusia neurosensorial, entre outras) e ressarcimento econômico de alguns trabalhadores.
--------------------	------------	---	---	---

**Fonte:** elaboração própria com base em Torres-Tovar<sup>1</sup>.

A nosso ver, há dois aspectos decisivos a serem destacados a partir da análise realizada. O primeiro, é a demonstração da variabilidade tática e estratégica das lutas dos/as trabalhadores/as, ora com maior enfrentamento direto com as empresas (ações contenciosas), sobretudo com ações na justiça; ora com ações contenciosas, que se mostraram válidas para dar visibilidade à pauta de luta, estabelecer articulações e formar alianças.

A análise enaltece as conquistas das associações, mas aponta como a ausência de organização e contundência pode representar recuos em certos momentos. Esse aspecto corrobora algumas análises marxistas sobre os sindicatos e os movimentos sociais na contemporaneidade, em diferentes vertentes (portanto, com diferenças analíticas importantes que não conseguiremos explorar, por ora), mas que, em geral, apontam para processos de reformulação dessas formas de organização ante a ofensiva do capital e, sobretudo, as crises dos sindicatos. A ressalva a ser feita é que vivemos um processo de captura da subjetividade operária, em um contexto histórico

contrarrevolucionário, o que tem limitado o horizonte de luta dos trabalhadores em um sentido anticapitalista<sup>17</sup>, ainda que isso não possa, de forma alguma, deslegitimar as ações e as conquistas parciais obtidas.

O segundo aspecto diz respeito à relação dialética entre os diversos tipos de luta dos/as trabalhadores/as e a saúde (nela incluída a doença). Aqui estamos considerando a saúde como processo, mais especificamente como processo saúde-doença, denotando o caráter indissociável entre esses dois momentos (saúde e doença) na processualidade social<sup>10</sup>.

Ademais, estamos nos baseando no que dizem Leão, Gaze e Vasconcellos<sup>18</sup>, ao afirmarem que existem dois níveis de luta por saúde no trabalho: 1) as lutas indiretas, quando a pauta inclui as questões genéricas (condições de trabalho, proteção social e trabalhista etc.); 2) as lutas diretas, onde a saúde dos trabalhadores aparece como pauta principal, com destaque para a luta pelo direito à saúde ou a reformulação dos modelos de atenção, vide movimento operário italiano<sup>5</sup> ou a construção dos programas de saúde do trabalhador no Brasil<sup>19</sup>.

A articulação desses dois níveis de luta é fundamental dentro de uma perspectiva de investigação/ação que conceba a saúde como processo social, no horizonte de instituir modelos de atenção que priorizem a promoção da saúde, mas na perspectiva da integralidade, sem esquecer a doença.

Isso significa que, mesmo sendo a saúde o momento a ser destacado nessa processualidade dual (saúde-doença), conforme tem defendido a medicina social latino-americana/saúde coletiva, não se pode perder de vista o papel mediador da doença, seja na pesquisa, seja na ação (lutas inclusas). Isso assume mais relevo levando-se em conta que vivemos em um modo de produção que forja uma sociedade adoecida, em especial pelo trabalho<sup>20-21</sup>. Ou seja, a realidade concreta (o ponto de partida para qualquer pesquisa/ação que se proponha transformadora) é constituída pela eminência da doença, com processos contundentes de adoecimento a serem enfrentados.

Nessa perspectiva, no âmbito das lutas diretas por saúde, ganha importância as lutas contra as doenças no trabalho, a exemplo daquelas analisadas por Torres-Tovar<sup>1</sup>, considerando a originalidade da via particular constituída pelas associações de trabalhadores ou ex-trabalhadores adoecidos. Esse aspecto sugere, portanto, a diversidade de formas sob as quais a luta de

classes pode se articular a outras lutas sociais, a exemplo do caso ora em questão, com eminência da organização de trabalhadores/as adoecidos/as. Ao mesmo tempo, revela a processualidade dialética engendrada em face da doença, porquanto ela seja um ponto de partida que nos impulsiona para além, em uma perspectiva de integralidade.

A nosso ver, essa relação dialética pressupõe uma orgânica articulação entre as ciências da saúde, ciências sociais e saber/experiência operária, tal qual o campo da saúde do/a trabalhador/a tem defendido desde as suas origens. O caso das lutas dos trabalhadores e ex-trabalhadores adoecidos ratifica o papel dinamizador que essas lutas possuem para essa articulação, pois demanda saberes que são forjados nos diferentes campos mencionados.

No caso aqui em questões, ganha destaque os pilares teóricos do campo da saúde do/a trabalhador/a, em diálogo com outras teorias. Fica evidenciado a importante orientação anticapitalista neste debate, sobretudo pela incorporação da categoria trabalho (e, conseqüentemente, da categoria valor) e enfatizando as lutas operárias, no horizonte de ratificar seu papel como “pedra de toque” da saúde do/a trabalhador/a.

### **Considerações finais**

A obra de Torres-Tovar se mostra relevante para o atual debate da saúde do/a trabalhador/a, sendo capaz de resgatar as raízes deste campo científico-político-institucional, articulada a um legítimo esforço de dinamizar essas raízes em face das novas estratégias desenvolvidas nos movimentos sociais contemporâneos.

A questão das associações de trabalhadores/as e ex-trabalhadores/as adoecidos/as nos parece um elemento contemporâneo inovador, que traz contribuições para as lutas sociais e, portanto, com potencial de fortalecer o campo da saúde do/a trabalhador/a.

Torres-Tovar logra êxito em sua análise, explorando a potencialidade desses casos e, assim, traduzindo-os em caminhos teórico-metodológicos e políticos para a ação. Sua análise nos permite depreender a relação dialética entre as lutas por saúde e o adoecimento, no bojo do processo saúde-doença e sem cair nas armadilhas do modelo biomédico (nele inclusa a saúde ocupacional), que se prende demasiadamente à doença.

Assim, mostra-se um pensador potente para a saúde do/a trabalhador/a ante seus desafios atuais. Decerto, que *Luchas obreras por la salud en el trabajo en Colombia* é uma obra muito bem-vinda, pois amplia e reaquece o debate crítico. Como próximos passos, é preciso acompanhar o desdobramento da obra e observar sua posição em face de outros autores importantes do campo da saúde do/a trabalhador/a, a fim de manter as origens do campo vivas.

## Referências

1. Torres-Tovar M. *Luchas obreras por la salud en el trabajo en Colombia*. Bogotá: Editorial Universidad Nacional de Colombia, 2022.
2. Archila-Neira M. Prologo. In: Torres-Tovar M. *Luchas obreras por la salud en el trabajo en Colombia*. Bogotá: Editorial Universidad Nacional de Colombia, 2022.
3. Torres-Tovar M. El impacto de los acuerdos de libre comercio sobre el derecho a la salud. *Revista Cubana Salud Pública*; 2006. 32(3).
4. Torres-Tovar M. *Lucha social contra la privatización de la salud*. Bogotá, Colombia: CINEP/Programa por la Paz, 2013.
5. Berlinguer G. *A saúde nas fábricas*. São Paulo: Cebes-Hucitec, 1983. Maccacaro G. 1983.
6. Maccacaro G. *Clase y salud*. In: Basaglia F, Giovannini E, Miniati S e col. *La salud de los trabajadores: aportes para una política de salud*. México: Nueva Imagen, 1980.
7. Oddone I, Marri G, Gloria S e col. *Ambiente de trabalho: a luta dos trabalhadores pela saúde*. São Paulo: Hucitec, 1986.
8. Laurell AC, Noriega M. *Proceso de produção e saúde: trabalho e desgaste operário*. São Paulo: Hucitec, 1989.
9. Breilh J. *Epidemiologia, Economia, Medicina y Política*. México: Fontamara, 1998.
10. Laurell AC. *La salud-enfermedad como proceso social*. *Revista Latinoamericana de Salud*; 1982, 2:7-25.
11. Laurell AC. *Para el estudio de la salud em su relación com el proceso de producción*. In: Laurell AC, Noriega M. *La salud en la fábrica – Estudio sobre la industria siderúrgica em México*. Ciudad de México: Ediciones Era, 1989.
12. Lacaz FAC. *O campo Saúde do Trabalhador: resgatando conhecimentos e práticas sobre as relações trabalho saúde*. *Cadernos de Saúde Pública*. 2007; 23(4):757-766.
13. Vasconcellos LCF. *Entre a saúde ocupacional e a saúde do trabalhador: as coisas nos seus lugares*. In: Vasconcellos LCF, Oliveira MHB (org.). *Saúde, trabalho, direito: uma trajetória crítica e a crítica de uma trajetória*. Rio de Janeiro: Educam, 2011.

14. Marx K. O Capital: crítica da economia política. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
15. Tarrow . O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político. Petrópolis: Vozes, 2009.
16. Wright EO. Class Counts: Comparative Studies in Class Analysis Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
17. Alves G. Dimensões da reestruturação produtiva: ensaios de sociologia do trabalho. 2. ed. Londrina/Bauru: Praxis/Canal 6, 2007.
18. Gaze R, Leão LHC, Vasconcellos LCF. Os movimentos de luta dos trabalhadores pela saúde. In: Vasconcellos LCF, Oliveira MHB (org.). Saúde, trabalho, direito: uma trajetória crítica e a crítica de uma trajetória. Rio de Janeiro: Educam, 2011.
19. Vasconcello LCF, Ribeiro Neto FS. A construção e a institucionalização da saúde do trabalhador no Sistema Único de Saúde. In: Vasconcellos LCF, Oliveira MHB (org.). Saúde, trabalho, direito: uma trajetória crítica e a crítica de uma trajetória. Rio de Janeiro: Educam, 2011.
20. Antunes R, Praun L. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. Serviço Social & Sociedade. 2015; 123:407-427.
21. Souza DO. Saúde do(s) trabalhador(es): análise ontológica da “questão” e do “campo”. Maceió: Edufal, 2019.